

**Titulo:** A festa da retomada

**Data:** 26/05/2021 00:00:00 **Veículo:** Revista Veja - SP **Página:** Capa, 44 a 51

**Canal:** Notícias Gerais

**Tiragem:** 473.240

Editora ABRIL  
edição 2739 - ano 54 - nº 20  
26 de maio de 2021



# veja

www.veja.com



# DECOLAGEM NÃO AUTORIZADA

Adiantados no processo de vacinação, diversos países iniciam uma retomada econômica pós-pandemia. Com um patamar ainda elevado no número de mortes e sem a perspectiva de aprovação de importantes reformas, o Brasil corre o risco de ficar de fora



# A FESTA DA RETO



ANTHONY DEVLIN/GETTY IMAGES



# DMADA

O mundo se prepara para uma forte expansão a partir da vacinação em massa contra a Covid-19 e o Brasil, sem um programa de imunização eficiente nem reformas econômicas, pode ficar de fora dessa celebração

**CARLOS EDUARDO VALIM, LARISSA QUINTINO E VICTOR IRAJÁ**



**O** surgimento da pandemia de gripe espanhola, ou influenza, na virada da segunda década do século XX, foi marcado por forte controvérsia. Os primeiros casos e mortes foram registrados no estado do Kansas, nos Estados Unidos, em fevereiro de 1918. Dois meses depois surgiam focos na França, Inglaterra e Alemanha. Como todas essas nações estavam envolvidas na fase final da I Guerra Mundial, a dimensão e o risco da doença foram escamoteados para não prejudicar o desenrolar do conflito, em que os aliados já estavam prestes a derrotar os alemães. Apenas na Espanha, país neutro, a epidemia ganhou o noticiário em sua devida dimensão — daí o nome que usamos até hoje para designar a doença. Quando o mundo se deu conta do perigo, o dano já estava feito.

Estima-se que a gripe espanhola tenha infectado mais de 500 milhões de pessoas e matado entre 20 milhões e 50 milhões delas. Além de representar uma tenebrosa tragédia sanitária, a pandemia teve forte impacto na economia mundial, provocando queda no consumo e na produção de bens e aumento do desemprego — somente nos Estados Unidos, onde foram registrados 650 000 mortos, o índice que era de 1,4% de desocupados em 1918 saltou para 11% no ano seguinte. Assim que a

**FARRA** Evento-teste em estádio em Liverpool: comemoração depois do fim do isolamento



PEDRO VILELA/GETTY IMAGES

**PRODUTIVIDADE** Fábrica de automóveis em Minas Gerais: atitudes erráticas desestimulam os investimentos

pandemia começou a arrefecer, depois de dois anos, teve início uma era de prosperidade e desenvolvimento inéditos. Em 1923, o PIB americano cresceu 12,6% e o desemprego caiu para 4,8%. O presidente Calvin Coolidge chegou a declarar que “o negócio dos Estados Unidos são os negócios”.

Como uma espécie de recorrência cíclica, assistimos a um movimento semelhante em relação à pandemia da Covid-19, que já infectou 164 milhões de pessoas e matou 3,4 milhões. Quando começou a se espalhar pelo mundo, o coronavírus surgido em Wuhan, na China, praticamente paralisou a economia mundial e levou às previsões mais apocalípticas. Hoje, depois da chegada das vacinas, esse

**DILEMA** Paulo Guedes: o desafio de evitar que nova onda da epidemia impacte nas medidas adotadas

cenário é outro. Após uma retração da economia global de 3,3% em 2020, o Fundo Monetário Internacional (FMI) projeta um crescimento de 6% em 2021 (o maior desde 1980) e de 4,4% em 2022. Apenas os Estados Unidos, país que registra 33 milhões de casos de Covid-19 e 588 000 mortes, deverão ter uma expansão do PIB da ordem de 6,4% neste ano. A China alcançará 8,4% de crescimento. Da

mesma forma, outros integrantes do G7 devem apresentar uma performance muito acima do normal. A França, que teve uma evolução média do PIB de 1,7% entre 2016 e 2019, chegará a 5,8%. O Reino Unido sai de 1,5% no mesmo período para 5,3%. É um movimento que só encontra paralelo no pós-guerra dos anos 1950.

Em comum, todos os países que usufruirão a prosperidade pós-pandemia investiram bilhões (e no caso dos Estados Unidos, trilhões) de dólares em programas de estímulo econômico. Da mesma forma, desenvolveram planos de vacinação abrangentes e eficazes que lhes garantiram uma dianteira na imunização de sua população, abrindo caminho para a normalização das atividades. O Reino Unido, primeiro país do mundo a aplicar a vacina fabricada pela farmacêutica Pfizer, no início de dezembro de 2019, imunizou



EDU ANDRADE/JASCOM/ME

55% da população com a primeira dose. Os Estados Unidos, que alcançaram o índice de 47%, já começam a se programar para doar vacinas excedentes para o resto do mundo, depois de atingir um estágio em que as máscaras já deixam de ser obrigatórias para imunizados com as duas doses. Tomando como base o desempenho das trinta maiores economias do planeta, estima-se que a cada aumento de 10% na população vacinada o PIB seja revisado para cima em 0,13 ponto.

Se as nações mais desenvolvidas do mundo têm motivos para comemorar a recuperação pós-pandemia, o Brasil ainda patina no controle da epidemia e nas expectativas de retomada. Apesar de o governo ter revisado

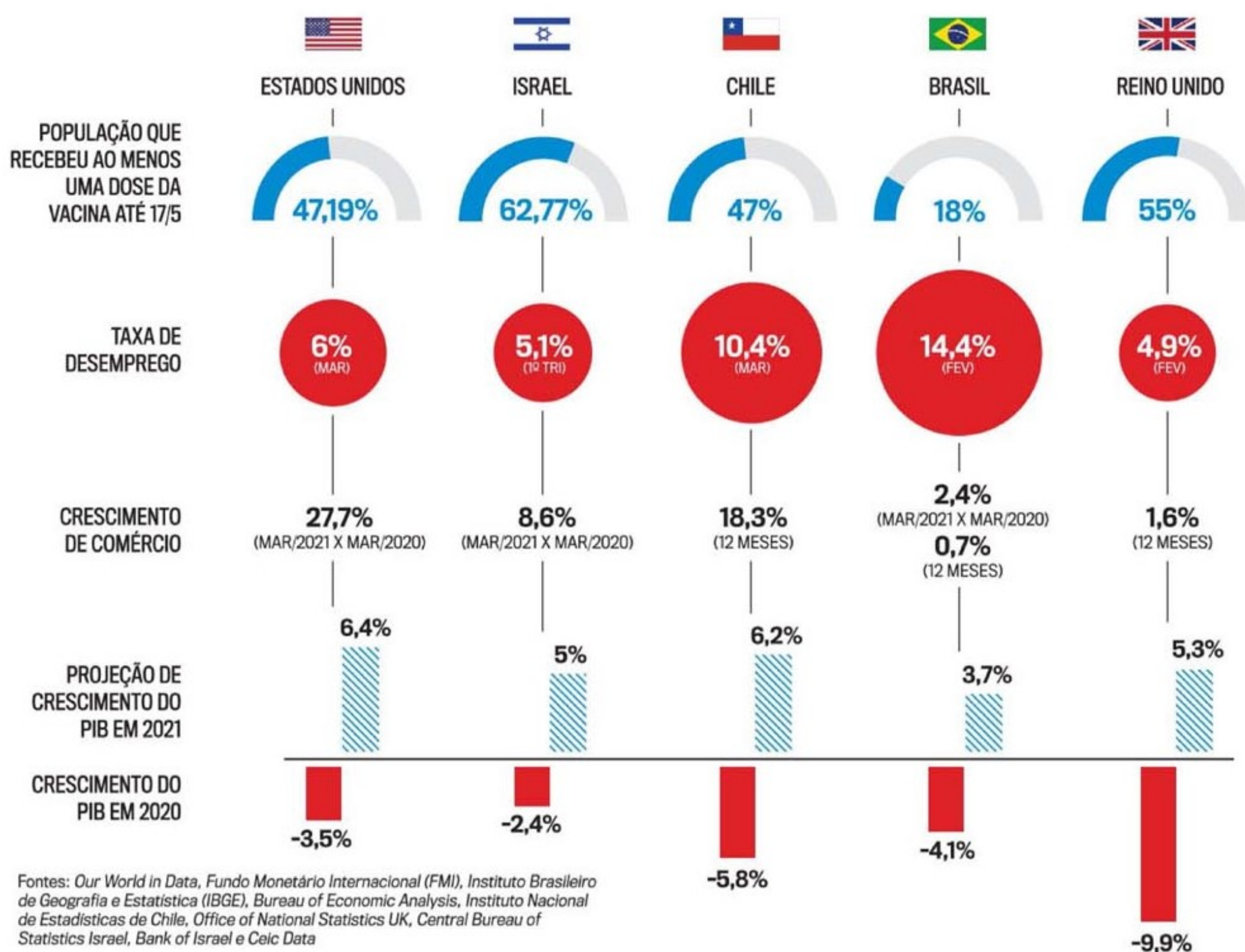
as estimativas de crescimento do PIB para 3,5% em 2021 (próximo aos 3,7% estimados pelo FMI), ante a queda de 4,1% em 2020, a volta ao patamar pré-Covid-19 só deve ser alcançada em 2022, com o crescimento previsto para 2,6%. O plano do Ministério da Saúde de vacinar até 2,4 milhões de pessoas por dia está estagnado em 700 000 doses diárias devido à falta de matéria-prima para a produção dos imunizantes no país e ao atraso na compra das vacinas de fornecedores internacionais.

Nesse ritmo, o índice de vacinação é de 18%, inferior até mesmo ao de vizinhos como o Chile, que apostou em uma ampla estratégia de imunização traçada ainda no ano passado e hoje

se aproxima dos 50% da população vacinada. Com esse índice, a projeção do FMI é que os chilenos alcancem um crescimento do PIB de 6,2% neste ano. Na comparação direta, percebe-se a vantagem do país andino em atividades como o comércio. Em março, as vendas no varejo local subiram 18,3%, diante do mesmo mês do ano passado, contra uma alta de 2,4% no Brasil. “Em relação ao Chile, o Brasil falhou, por exemplo, ao não investir nos fechamentos da atividade e na vacinação rápida”, explica o economista Otaviano Canuto, ex-diretor do FMI. “O Chile apostou em um *lockdown* severo e fechou contratos arriscados com as fabricantes de vacina. Hoje o país vê uma luz no fim do túnel.”

## ECONOMIA IMUNIZADA

Comparação de dados de vacinação e de atividade



26 DE MAIO, 2021 47



## UM GOVERNO INCAPAZ DE PRIORIZAR

Armínio Fraga, ex-presidente do Banco Central, defende uma verdadeira revisão de como o Brasil lida com a sua economia, para que possa se inserir na nova onda de crescimento global que promete se iniciar após vencida a pandemia.

**O que falta para o Brasil aproveitar a retomada econômica e engrenar um crescimento mais consistente e sustentável?** Existe um problema de produtividade muito sério. É isso que, em última instância, gera renda e crescimento. O país sempre deu pouquíssima ênfase à educação, e sempre delegou ao Estado um papel econômico exagerado, pouco planejado e pouco analisado. O Brasil está fora do trem da inovação. A infraestrutura é carente e existe um manicômio tributário que é caro e que dificulta a integração interna do país, um ponto em geral esquecido.

**Qual o maior desafio de curto prazo que deveria ser enfrentado?** Temos dificuldades graves no uso do dinheiro público. Não é apenas uma questão fiscal, mas de natureza política, ligada à incapacidade de arbitrar prioridades. Nossos representantes preci-



MIGUEL SA

**NO CENTRO** Fraga: o pêndulo da política é bola de demolição

sam dar mais ênfase aos grandes objetivos sociais, que representem avanços para a maioria das pessoas. A prioridade deveria ser zelar pelo futuro do país. Essa balança está desequilibrada. O Brasil não consegue se organizar politicamente para crescer mais rápido e encostar no padrão das economias e sociedades mais avançadas. Estamos há quarenta anos sem conseguir encurtar a distância até os Estados Unidos. É muito frustrante. Essa dificuldade tem raízes políticas, eventualmente culturais.

**O Brasil está desalinhado com as grandes discussões de desenvolvimento atuais?** O mundo repensa a democracia, com menos influência do dinheiro, com menos espaço para autoritarismos. Antevejo uma reinvenção da social-democracia ou do liberalismo progressista, com uma cara mais verde, mais solidária. Mas é triste que o pêndulo da nossa política esteja mais para uma bola de demolição, sempre pendendo aos extremos.

**O governo costuma qualificar o combate à pandemia e a preservação do meio ambiente como entraves ao crescimento econômico. Como o senhor avalia esse posicionamento?** Vacinação e meio ambiente são questões existenciais e conectadas. Ambas dizem respeito a vidas expostas e custos sociais que se acumulam. Ambas são maltratadas no país, em decorrência do desprezo do governo pela ciência. Não é razoável pensar que destruir a Amazônia pode ser viável sob algum ponto de vista econômico. Espero que o governo mude de ideia antes de uma derrota nas próximas eleições.

Victor Irajá

No ritmo atual de vacinação e mantidas as previsões feitas pelo governo com base na produção local e nas encomendas de imunizantes no exterior, o Brasil teria chances de começar a fazer uma reabertura segura da economia a partir de setembro, segundo levantamento do banco de investimento UBS BB. Para que isso aconteça, o país precisará ter cerca de 56% da população vacinada, sendo 90% dos imunizados com 30 anos ou mais. Com isso, estaria garantida a segurança do grupo populacional que representa 98% das mortes por Covid e 95% das hospitalizações. Alcançadas tais condições, o Brasil passa a ter chances de voltar ao patamar pré-crise no ano que vem — um resultado que os Estados Unidos devem atingir já neste ano.

Para fazer frente aos impactos da pandemia, a equipe econômica repete a estratégia de 2020: tenta proteger o mercado formal e o setor produtivo, ainda que por meio de programas de estímulo de dimensões bem mais modestas. O auxílio emergencial, que no ano passado disponibilizou 293 bilhões de reais a 68 milhões de pessoas, foi reeditado com o orçamento de 43 bilhões de reais a ser pagos a 46 milhões de brasileiros entre abril e junho. O programa que permite a redução de jornadas e a suspensão de contratos de trabalho foi reeditado por quatro meses e deve durar até julho. Já o financiamento para pequenas empresas garantido pelo Tesouro, o Pronampe, ainda não foi autorizado. A estratégia desenhada pelo Ministério da Economia procurou sincronizar as medidas com o programa de vacinação e se estende até o fim do terceiro trimestre. “É um plano bom, com programas que se mostraram efetivos, mas haveria uma segurança maior se houvesse mais previsibilidade na vacinação”, analisa José Pastore, professor de relações do trabalho da USP.

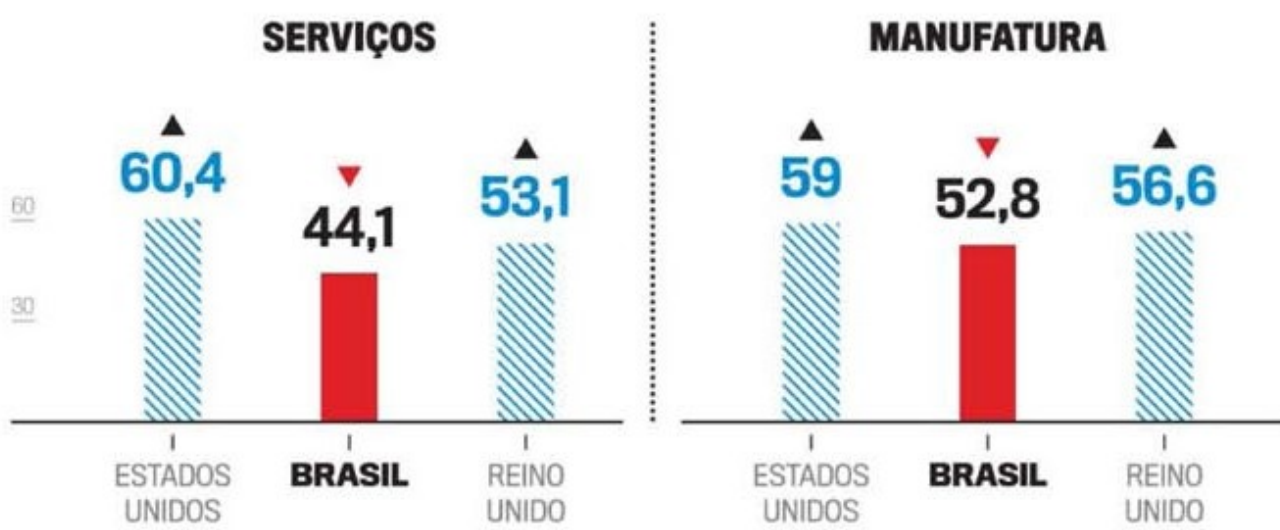


NIVI FOTE/THE NEWS2/AG. O GLOBO

**ALÍVIO** Central Park, em Nova York: a vacinação traz a promessa de tempos melhores e sem máscaras

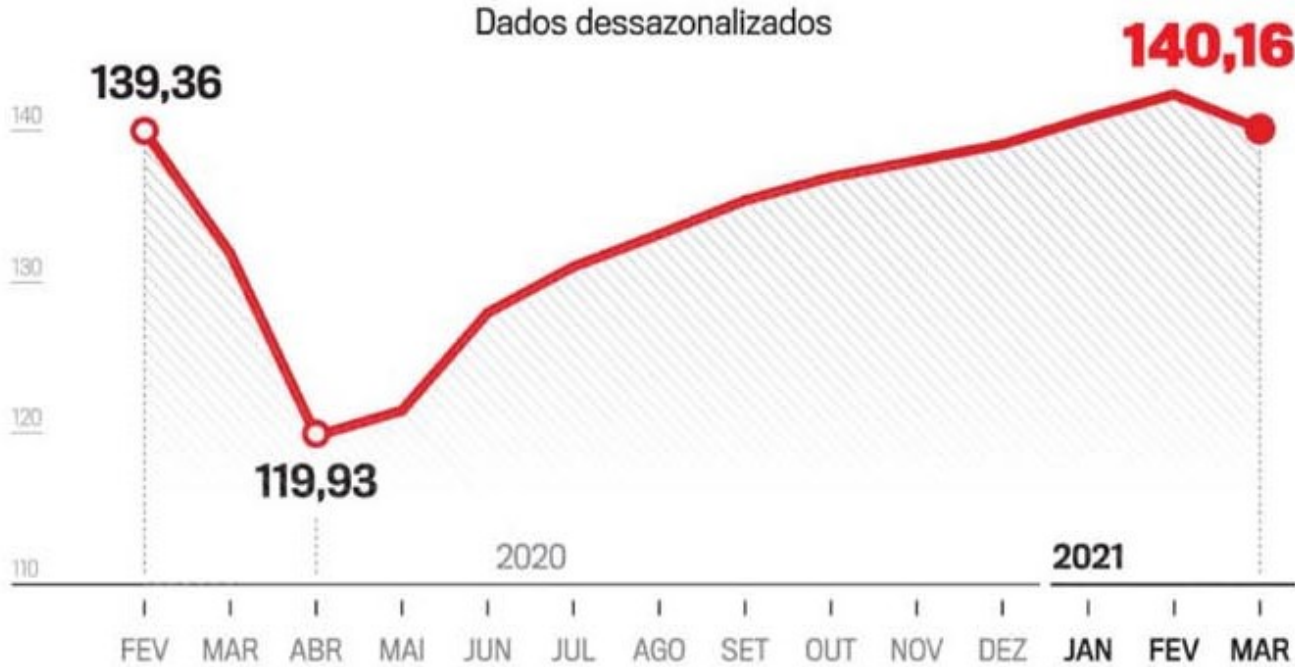
## DE VOLTA AOS NEGÓCIOS Medidas de atividade econômica

PMI DE MARÇO, INDICADOR INTERNACIONAL QUE MEDE MENSALMENTE A ATIVIDADE DE EMPRESAS PRIVADAS DE DIVERSOS PAÍSES DO MUNDO (EM PONTOS)\*



### ÍNDICE DE ATIVIDADE DO BANCO CENTRAL

Dados dessazonalizados



\* Acima de 50 pontos indica aceleração e abaixo de 50, desaceleração

Fontes: IHS Markit e Banco Central

O grande desafio de curto prazo para a equipe do ministro Paulo Guedes é garantir que empresas e trabalhadores resistam aos próximos meses de pandemia em condições de promoverem a retomada, ainda que uma terceira onda de Covid atinja a população. “É fundamental não permitir que um choque transitório tenha efeitos permanentes na economia”, avalia o secretário de política econômica do Ministério da Economia, Adolfo Sachsida. “E, para isso, nós temos de insistir na agenda de reformas pró-mercado e na consolidação fiscal”, explica.

Passada a fase crítica da pandemia, o ideal seria que o país aproveitasse o impulso favorável que vem, principalmente, do exterior para engatar sua própria recuperação econômica. A forte expansão internacional aliada a um surpreendente ciclo de alta nos preços das commodities — o da soja quase dobrou em um ano enquanto o do minério de ferro chegou a um avanço de quase 50% — mostra que não faltam oportunidades ao país. Ao mesmo tempo, as rápidas retomadas entre os sucessivos períodos de fechamento e abertura das ativi-



dades não essenciais durante a pandemia demonstraram a capacidade de recuperação rápida dos baques mais violentos da economia. No entanto, fora do governo, não são poucos os céticos quanto à perspectiva de o país aproveitar a bonança em patamares próximos de seus pares internacionais. “O Brasil tem dois problemas: um pandêmico e outro endêmico”, define Alberto Ramos, diretor de pesquisa econômica para América Latina do banco americano Goldman Sachs. “O primeiro diz respeito à Covid-19 e à vacinação em si. Esse vai passar. O segundo tem causas muito mais profundas no contexto econômico e deve se estender além da crise de saúde.” Nesse sentido, é preciso considerar que o padrão mantido pelo Brasil antes do surgimento do coronavírus era de pequeno crescimento, com baixos índices de investimentos e de produtividade.

As causas do desempenho sofrível da economia brasileira nos últimos anos são bem conhecidas e se deterioraram em meio à crise: a situação fiscal insustentável com alta dívida pública, o desemprego e uma grave incerteza política. Desde 2013, o país não registra taxas de crescimento acima de 2% ao ano. De lá para cá, houve uma forte recessão e sucessivas crises políticas. A instabilidade voltou à tona com a conduta errática do governo de Jair Bolsonaro diante da pandemia, atualmente investigada na CPI da Covid. As reformas estruturais prometidas por Paulo Guedes, que ofereciam a perspectiva de avanços, se arrastam e o ajuste fiscal, que já era imperativo pré-pandemia, se tornou agora mais urgente. “É muito difícil falar em reformas mais profundas neste momento, principalmente a trabalhista e a tributária, em que o processo eleitoral se aproxima”, diz Ana Paula Vescovi, diretora de macroeconomia do Santander Brasil e ex-secretária do Tesouro.



BETTMANN/GETTY IMAGES

Em efeito cascata, a incerteza macroeconômica acaba por coibir a disposição dos empresários em investir, o que compromete o ritmo de retomada e da criação de postos de trabalho. Ao mesmo tempo, a aproximação das eleições aponta para um potencial aumento nos gastos do governo. O mer-

cado avalia que o presidente Jair Bolsonaro não poupará esforços (nem recursos públicos) para buscar a reeleição. “Bolsonaro assumiu com a promessa de implantar um modelo econômico liberal, mas isso não vai acontecer porque ele não acredita nisso”, afirma Armínio Fraga, ex-presidente

## À ESPERA DO ALÍVIO

Expectativas de finalizar a vacinação por grupo etário no Brasil



\*O grupo acima dos 30 anos representa 56% da população; 98% das mortes e 95% das hospitalizações são de pessoas dessa faixa etária

Fonte: UBS BB





**EUFORIA** Dançarinas nos anos 1920: prosperidade depois do flagelo da gripe espanhola

do Banco Central (*confira a entrevista na pág. 48*).

Países mais endividados tendem a crescer menos e a ter economias mais voláteis. Qualquer oscilação econômica pode provocar efeitos massivos. E isso pode acontecer caso o ciclo de commodities se encerre ou a forte retomada americana provoque inflação. Uma alta de juros na maior economia do mundo leva investidores a buscar ativos mais seguros, e os mercados emergentes, como o brasileiro, acabam prejudicados. O Brasil não pode apostar na sorte nem em soluções milagrosas. Apenas as vacinas e as reformas podem garantir a presença do país na grande festa do fim da pandemia. ■



**MAÍLSON DA NÓBREGA**

## GANHOS E RISCOS DA ECONOMIA

Forte desempenho pode frustrar-se com alta da inflação

A **ECONOMIA** costuma recuperar-se fortemente após pandemias e guerras. Enquanto isso, incertezas e restrições à mobilidade impedem que se gaste. Buscam-se novas formas de agir, provocando em seguida transformações estruturais. O medo da crise e a redução de oportunidades de consumir e investir induzem à prudência. Poupa-se mais.

Durante a gripe espanhola (1918-1920), no dizer da revista *The Economist*, os americanos pouparam mais do que em qualquer tempo, salvo na II Guerra. Na época do conflito, a poupança alcançou cerca de 40% do PIB (18% em 2020). Agora, algo semelhante ocorre na pandemia de Covid-19. Na volta à normalidade, os gastos podem ser impulsionados pela dissipação das incertezas e pelo dinheiro acumulado. O investimento se expandirá. No pós-gripe espanhola, surgiu um ambiente de otimismo e entusiasmo.

Nos Estados Unidos e na Europa, os anos 1920 foram chamados de “*the roaring twenties*” (a estupenda década de 20, em tradução livre). Além da intensa recuperação do PIB, do emprego e da renda, sobreveio um robusto dinamismo nos campos social, artístico e cultural. Heróis do esporte e estrelas do cinema inspiraram novos estilos de vida. O jazz e a dança se popularizaram. Tradições foram rompidas. Tudo parecia possível pela tecnologia: automóveis, aviões, cinema, rádio, aparelhos elétricos, a difusão do telefone. Esse glorioso período interrompeu-se na quebra da Bolsa de Valores de Nova York (1929), por onde começou a Grande Depressão, dos anos 1930.

É possível que parte desse cenário se repita depois da atual pandemia. Prevê-se inédita recuperação sincronizada nos países desenvolvidos e na China. Nos Estados Unidos — onde estímulos oficiais injetarão 6 trilhões de dólares na economia — o PIB pode crescer 6,4% em 2021, na estimativa da Tendências Consultoria. Na China e na Europa, prevê-se expansão de 8,5% e 3,8%, respectivamente. O mercado de commodities já reflete essa realidade, com forte elevação de seus preços.

Em meio a essas perspectivas, a inflação preocupa. Conceituados economistas americanos apontam riscos inflacionários nos países ricos em razão da maior demanda derivada dos estímulos fiscais e da baixa taxa de juros. Do lado da oferta, os preços se elevam pela ruptura de cadeias produtivas

**“Na volta à normalidade, os gastos podem ser impulsionados por menos incertezas e dinheiro acumulado”**

globais — o que gera escassez de peças, partes e componentes — e pelas dificuldades para contratar trabalhadores. Nos Estados Unidos, em abril, o aumento de 4,2% nos preços ao consumidor em doze meses assustou os mercados. A inflação pode, pois, ameaçar o promissor desempenho da economia mundial.

O Brasil se beneficia da elevação dos preços das commodities, malgrado suas consequências inflacionárias recentes, agravadas pelo risco fiscal e pela desvalorização cambial. Se vier a temida inflação nos países avançados, isso nos prejudicará. O bônus decorrente do desempenho da economia mundial nos exporá aos riscos de súbito desaquecimento da economia. Fiquemos alertas. ■